

A comemoração: podemos ir além?

João Pedro Goes Lopes
Roberto Corazza Pereira

A tematização narrada a seguir se passa na volta às aulas do segundo semestre de 2023, em Sorocaba, na escola Renice Seraphim, localizada no residencial Carandá. Uniu dois professores e duas turmas de primeiro ano, o 1º A e o 1º J. Por se tratar de uma escola relativamente pequena para a quantidade de alunos que recebe – em torno de 1.000 –, dividir a quadra com outras turmas é uma prática comum: duas turmas ocupam uma metade e a terceira a outra, principalmente quando se trata dos 5ºs anos. Isso nos leva a acompanhar tudo o que acontece nas turmas cujas aulas acontecem em simultâneo.

Chama-nos a atenção, por exemplo, em algumas atividades, o formato das comemorações quando os estudantes, principalmente os meninos, marcam um ponto ou simplesmente chegam à quadra. Começamos a reparar mais atentamente em suas vestimentas e adereços, além de perguntar sobre eles. A partir daí decidimos abordar as comemorações nos esportes. Algumas perguntas dispararam o processo: onde os/as alunos/as acessam essas comemorações? De quem são? Há alguma comemoração própria?



As respostas das crianças versaram sobre o futebol de campo: “a minha é a comemoração do Róger Guedes do Corinthians”, “eu faço a comemoração do Neymar”,

“Cristiano Ronaldo!”. [Alguns levantavam para demonstrar ao passo que tentávamos registrar as suas ações](#). Como passamos o dia todo na escola, geralmente utilizamos o horário do almoço na sala dos/as professores/as para conversar sobre o trabalho pedagógico. Marcamos que na próxima aula poderíamos trazer vídeos relacionados às comemorações no futebol - para aqueles/as que não sabiam quem eram esses/as esportistas - e em vários outros esportes.



Na aula seguinte, em vez de descermos diretamente para a quadra, reunimos todos/as os/as alunos/as na sala do primeiro 1º J. Estranhando um pouco a movimentação, mas contentes de ocupar a mesma sala, sentaram-se nas carteiras de duplas e esperaram pelos vídeos que anunciamos. [O primeiro](#) trata de comemorações variadas no futebol. O [segundo](#) trata de comemorações dos mais variados esportes, inspiradas nos gestos de Cristiano Ronaldo.

Após assistirem aos vídeos, perguntamos para que serve uma comemoração e como os/as competidores/as inventam suas comemorações. Alguns/algumas pareciam pensativos, outros/as arriscaram respostas: “a gente comemora porque fez gol!”, “eu conheço aquele time”, “eu conheço aquela música”, “tem time da Europa”. Reagimos: “mas vocês só viram comemoração no futebol?”. As crianças: “não, vi no basquete também”. “Vocês comentaram que a gente comemora quando faz gol, mas e se for gol contra?”, “Daí a gente não comemora”. “Então não é só uma questão de fazer gol”. “É”. “Então por que a gente comemora?”. “A gente comemora quando fica feliz”. “Boa resposta”. “Gol contra a gente perde e daí fica triste”. “É, tem que ser gol nosso pra ficar feliz”. “Eu já fiz vários”.

Continuamos: “de onde os/as competidores/as inventam essas comemorações?”. Não souberam responder e isso nos deu novas ideias.



Na quadra, organizamos atividades com bambolês, cordas, bola de futebol, coletes. Estimulamos os/as alunos/as a passarem por todas as atividades. Observando como lidavam com as situações, [percebemos o aumento das comemorações das meninas](#), que agora se expressavam com [novos gestos durante as atividades](#). Interessante notar que eles/as nos chamavam para mostrar as comemorações. Aproveitamos para perguntar sobre elas, por exemplo: “e a sua, como é?”, “como vai fazer naquela outra atividade?”.

[No final da aula, sentados no meio da quadra, quiseram mostrar o que haviam feito](#). Todos/as que quiseram apresentar foram chamados/as. [Algumas meninas mostraram comemorações em grupo](#). Depois da aula, no almoço, discutimos que em um dos vídeos existia uma comemoração que imitava um jogo de boliche, com um jogador fazendo um *strike*. “E se no final, conversássemos sobre eles trazerem novas comemorações?”, “se somente questionássemos?”, “se trouxermos um outro vídeo? Poderíamos, talvez, pedir para que inventassem comemorações coletivas?”



Mais uma aula, espalhamos novas atividades espalhadas pela quadra e iniciamos em roda. Sem delimitar a quantidade, nossa primeira orientação foi de que os/as alunos/as se separassem em grupos. Alguns/algumas ficavam esperando, outros/as já compunham com os/as amigos/as, foi necessário intervir e fazer algumas mediações. Demos então 5 minutos

para que eles/as pensassem em comemorações coletivas - tínhamos duplas, trios, quintetos, da maneira como eles/as se organizaram. Surgiram várias ideias e depois de um tempo conseguiram finalizar a primeira atividade proposta.

Fomos passando, acompanhando os grupos e observando as comemorações. Apesar do ambiente propício a outras criações, persistiam as comemorações dos jogadores do futebol europeu. Orientamos, da mesma maneira da aula anterior, que os/as discentes se espalhassem pelas atividades para que fizessem sua comemoração em grupo cada vez que achassem necessário. Enfatizamos que não era preciso ganhar ou fazer mais pontos, talvez “você queira comemorar que conseguiu pular mais vezes a corda, pode chamar o seu grupo e fazer uma comemoração!”

Contudo, a proposta acabou não acontecendo da maneira como havíamos imaginado, pois os grupos se dispersaram. Apesar disso, identificamos novas comemorações isoladas, o que era interessante, mas não contemplava a perspectiva em grupo. Tentamos algumas vezes unir os grupos, mas a dinâmica acabou não favorecendo, pois, alguém sempre estava em uma atividade do outro lado da quadra e não sabia o que se passava com os/as colegas de grupo. [Ao final, pedimos que apresentassem suas criações](#), foi quando um dos meninos perguntou: “e a comemoração de vocês?”





No intervalo entre as aulas, pensamos como evitar que se dispersassem, para que todos/as vissem as comemorações. Após algumas ideias, decidimos fazer uma atividade de corrida, que seria dividida nos grupos das apresentações e que teria por intento justamente dar visibilidade às novas expressões.

Na aula seguinte, separamos quatro cones, mais ou menos no meio da quadra, onde cada grupo deveria se posicionar. A ideia era que fomentar disputas rápidas e, como havia vários/as alunos/as em diversos grupos, imaginamos que todas as comemorações seriam contempladas. Antes de iniciar, em roda, orientamos como fizéramos na aula anterior, com um adendo: queríamos que os/as alunos/as inventassem suas próprias comemorações, “não podemos mais fazer a comemoração do Cristiano Ronaldo. Se ele conseguiu inventar a própria comemoração, nós também conseguimos!”.

Demos um tempo para que pensassem ou lembrassem da comemoração da aula passada. Passamos novamente nos grupos. Identificamos novas comemorações, em vários momentos, explosões de felicidade e quase ninguém preocupado em ganhar ou perder.

No final, conversamos sobre a possibilidade de usar as comemorações dos/as esportistas que conhecíamos, mas também que poderíamos, em qualquer circunstância, criar as nossas próprias para expressar felicidade, comemorar uma rodada ou algum tipo de participação.

Quanto à comemoração dos professores, apresentamos aquelas que nos marcaram como as feitas pelo futebolista brasileiro Ronaldo Fenômeno e o velocista jamaicano Usain Bolt. Alguns/algumas conheciam, principalmente a última, outros/as não. Conversamos um pouco sobre como as comemorações podem ser influentes em determinadas datas, como vimos nos vídeos em que diversos esportistas fazem a comemoração do Cristiano Ronaldo.

